

Simposio sobre a Educação de Crianças com Raízes Sul-Americanas

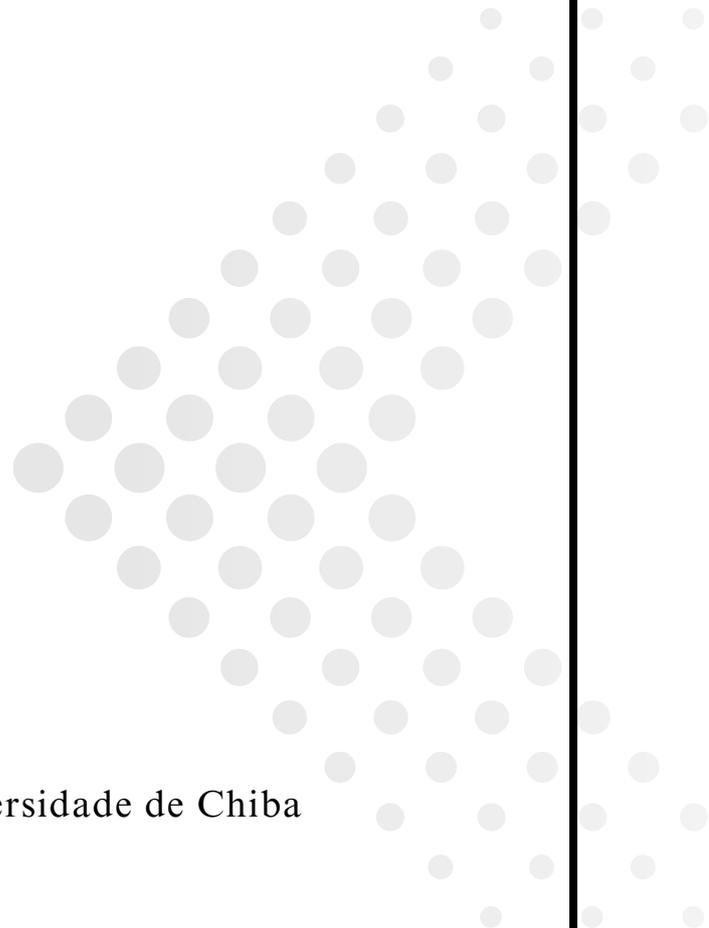
Para a realização de escolas onde crianças  
estrangeiras e japonesas possam aprender juntas

— Estudo de casos de crianças com raízes sul-americanas —

Relatório de implementação  
ポルトガル語訳

Março de 2024

Centro de Estudos Interculturais, Universidade de Chiba



## Objetivo.

O número de crianças estrangeiras matriculadas nas escolas públicas japonesas está aumentando a cada ano. O número de crianças que necessitam do ensino de língua japonesa nas escolas públicas aumentou 1,5 vezes em dez anos. Por província, a província de Chiba tem mais de 2.000 crianças, o oitavo maior número no Japão. Como as crianças falam uma grande variedade de línguas maternas, as escolas precisam estar preparadas para aceitá-las não apenas para o ensino da língua japonesa, mas também para vários outros aspectos, como orientação de estudos, apoio à carreira profissional e adaptação à vida e à cultura japonesas.

Este simpósio se concentrará nas crianças com raízes na América do Sul, analisando as atitudes e os esforços anteriores dos professores e das escolas em relação às crianças, aprofundando a compreensão sobre elas. Em seguida, consideraremos o que podemos fazer para ajudar as crianças a aprenderem a trabalhar juntas.

## Título

Simpósio sobre a Educação de Crianças com Raízes Sul-Americanas

Para a realização de escolas onde crianças estrangeiras e japonesas possam aprender juntas

— Estudo de casos de crianças com raízes sul-americanas —

## Organização:

Centro de Estudos Interculturais, Universidade de Chiba

## Apoio:

Conselho de Educação da Província de Chiba, Consulado Geral do Brasil em Tóquio

## Data e horário

31 de janeiro de 2024, Quarta-feira das 13:30 às 16:30

## Local.

Universidade de Chiba (transmissão simultânea online)

## Participantes

Conselhos Municipais de Educação da Província de Chiba

Supervisores encarregados da educação de alunos estrangeiros

Superintendentes de escolas com alunos estrangeiros na

Província de Chiba

Professores de escolas públicas da Província de Chiba

Outros participantes

**外国人と日本人の子どもが  
共に学べる学校の実現に向けて**  
—南米ルーツの子どもの事例から—

2024  
**1.31** WED  
13:30-16:30

日本の公立学校に入学する外国人の子どもは年々増加しています。近年は日本生まれ日本育ちというケースも増えました。本シンポジウムでは、南米にルーツをもつ子どもたちに焦点をあて、彼らに対する義務や学校のこれまでの姿勢や取り組みを振り返り、彼らへの理解を深めていきます。その上で子どもたち同士の協働の学びに向けて私たちができることは何かを考えます。

**PROGRAM**

- 開会の挨拶  
主催者挨拶：千葉大学国際担当理事  
後援者挨拶：在東京ブラジル総領事館、代理総領事  
千葉県教育委員会 教育長
- 質疑の趣意説明 千葉大学 名誉教授 新倉浩子
- 議題「南米ルーツの子どもの文化・教育的背景」  
神田外国大学 准教授 拝野寿美子  
慶応大学 非常勤講師 小波洋介
- 「南米にルーツをもつ子どもの教育の現状  
—受け入れに対する教師の意識をめぐって—」  
千葉大学 名誉教授 新倉浩子
- パネルディスカッション  
私たちが意識にできることは何か  
—南米ルーツの子どもの教育の意識をめぐって—  
コーディネーター 神田外国大学 准教授 拝野寿美子  
パネリスト 木更津市立蓮川中学校 校長 奥島田暢子  
市原市立五所小学校 校長 中村健江  
新島大学 非常勤講師 小波洋介  
神田外国大学 3年 杜沢ダイアナ  
上智大学 2年 内田ジョアオ
- 全体閉会  
千葉大学国際未来教育基幹 助教 岡山咲子

**参加対象**  
・千葉県市町村教育委員会  
・外国人児童生徒等の教育を担当する保護者  
・千葉県の町村の外国人児童生徒等が  
在籍する学校の教職員  
・千葉県私立学校教員

**定員** 対面 50名 オンライン 200名

**参加費** 無料

**開催場所** 千葉大学 西千葉キャンパス  
アカデミック・リンク・センター ひかり  
(Zoomウェビナー併用)

**問合せ先**  
千葉大学 インターカルチュラル・スタディーズセンター  
chiba-ics@chiba-u.jp  
https://ics.chiba-u.ac.jp/ics/

主催：千葉大学インターカルチュラル・スタディーズセンター  
後援：千葉県教育委員会 在東京ブラジル総領事館

CHIBA UNIVERSITY BRASIL

# 02 Programa

## 13:30 Abertura

- Saudações do organizador: Makoto Watanabe, Diretor de Reforma Universitária, Informação e Assuntos Internacionais da Universidade de Chiba
- Saudação do convidado : Sr. Carlos Velho, Cônsul-Adjunto no Consulado-Geral do Brasil em Tóquio
- Saudação da convidada : Sra. Masako Tomizuka, Superintendente de Educação, Conselho de Educação da Província de Chiba

## 13:50 Explicação sobre o objetivo do evento

Professora Emérita Ryoko Niikura, Universidade de Chiba

## 14:00 Palestra.

"Histórico cultural e educacional de crianças com raízes sul-americanas

Professora associada Sumiko Haino, Universidade de Estudos Estrangeiros de Kanda

Professor em tempo parcial, Jose Kohatsu, Universidade Dokkyo

"A situação atual das crianças com raízes sul-americanas no Japão, com foco na conscientização dos professores em relação à aceitação"

Professora Emérita Ryoko Niikura, Universidade de Chiba,

## 15:00 Pannel de discussão.

"O que nós, professores, podemos fazer para entender os desafios educacionais das crianças com raízes sul-americanas?"

Coordenadora: Professora Associada Sumiko Haino, Universidade de Estudos Estrangeiros de Kanda

Painelistas:

Tazuko Nagashima, Diretora da Escola Secundária Kiyokawa, cidade de Kisarazu

Toshie Nakamura, Diretora da Escola de Ensino Fundamental Goshu, cidade de Ichihara

Jose Kohatsu, Professor em tempo parcial da Universidade Dokkyo,

Diana Akihama, estudante do 3º ano, Universidade de Estudos Estrangeiros de Kanda

João Uchida, estudante do 2º ano, Universidade Sophia

## 16:30 Encerramento



# 03 Saudações

## **1) Saudações do organizador : Sr. Makoto Watanabe, Diretor de Reforma Universitária, Informação e Assuntos Internacionais da Universidade de Chiba**



Gostaria de agradecer às muitas pessoas que compareceram hoje, tanto no local do evento quanto online. Também gostaria de agradecer ao Consulado Geral do Brasil em Tóquio e ao Conselho de Educação da Província de Chiba pelo apoio a este simpósio e por terem reservado um tempo de suas agendas ocupadas para participar do evento de hoje. Como é do conhecimento de todos, o número de estrangeiros que vivem no Japão tem aumentado continuamente desde a década de 1980. Em meio à tendência de globalização, as oportunidades de contato direto e indireto com pessoas de outros países têm aumentado drasticamente em todas as regiões do país.. A província de Chiba não é exceção, com o sexto maior número de residentes estrangeiros no Japão.

Os residentes estrangeiros de longa permanência, como os residentes permanentes e temporários, geralmente são acompanhados por crianças em idade escolar e o número de crianças estrangeiras matriculadas em escolas públicas japonesas está aumentando a cada ano. Nos últimos anos, um número cada vez maior de crianças tem nascido e crescido no Japão, e muitas já atingiram a idade adulta e começaram sua jornada como adultos profissionais. As escolas japonesas, que não tiveram no passado, muitas oportunidades de contato direto com crianças de diferentes origens linguísticas e culturais, entraram em uma nova fase e estão constantemente buscando a melhor maneira de recebê-las e educá-las.

Neste contexto, o centro tem como objetivo desenvolver a competência intercultural para analisar os vários desafios enfrentados em situações interculturais a partir de múltiplas perspectivas e lidar com essas situações de forma construtiva. Além de apoiar a educação intercultural na comunidade local a partir de iniciativas políticas e educacionais, a Universidade de Chiba criou o Centro de Estudos Interculturais da Universidade de Chiba em 2016. As atividades do Centro estão alinhadas com três funções principais: implementar a educação intercultural prática para fins de desenvolvimento de recursos humanos; apoiar as práticas educacionais na região da província de Chiba e fornecer apoio educacional utilizando a rede da Universidade de Chiba no exterior. O simpósio deste ano, como parte do "apoio à prática educacional na província de Chiba", terá como foco as crianças com raízes na América do Sul, que são os predecessores de outras crianças recém chegadas ao Japão..

Mais de 30 anos se passaram desde o rápido aumento do número de crianças sul-americanas que vieram para o Japão e, assim como as crianças de outros países, elas ainda enfrentam muitas dificuldades em sua vida escolar. Ao aprofundar nossa compreensão sobre essas crianças, faremos uma retrospectiva das atitudes e esforços passados dos professores e escolas em relação aos alunos estrangeiros e identificaremos os desafios que eles enfrentam. Além disso, aproveitamos a oportunidade para refletir o que podemos fazer para promover o aprendizado colaborativo entre as crianças.

Gostaria de concluir minhas observações expressando minha esperança de que este simpósio seja proveitoso para os participantes dos Conselhos de Educação, para os professores orientadores responsáveis pela educação de alunos estrangeiros e para todos os educadores nas escolas.

## **2) Saudação do convidado : Sr. Carlos Velho, Cônsul-Adjunto do Consulado-Geral do Brasil em Tóquio**



Em primeiro lugar, gostaria de agradecer o convite e parabenizar a professora emérita da Universidade de Chiba, Ryoko Niikura, pela iniciativa de organizar esse simpósio. O governo brasileiro atribui prioridade ao acompanhamento dos brasileiros no exterior e no desenvolvimento de ações em seu apoio, sobretudo na área da educação.

O fato de haver três Consulados-Gerais do Brasil no Japão, além da Embaixada, simboliza a prioridade atribuída ao

apoio aos brasileiros que aqui residem.

De acordo com os dados mais recentes, o Brasil é a quinta maior população estrangeira residente no Japão, com um total de 210 mil brasileiros neste país.

Na jurisdição do Consulado-Geral do Brasil em Tóquio, que abrange 17 províncias japonesas, há mais de 57 mil brasileiros.

A comunidade brasileira conta com grande número de jovens: são 44 mil brasileiros de até 19 anos (21% do total de brasileiros no Japão), perfazendo o terceiro maior contingente de crianças e jovens em idade escolar.

Em Chiba, residem 3.611 brasileiros, dos quais 359 com idade entre 6 e 18 anos.

A oportunidade de estarmos aqui hoje tem significativa importância para esses jovens, pois oferecerá às instituições e aos professores da província de Chiba ferramentas para melhor lidar com estudantes brasileiros e latino-americanos.

O esforço e a boa vontade - características dos educadores japoneses - aliadas à sua familiarização com o contexto social e a cultura dessas crianças colaborará para a excelência da didática dos professores em sala de aula.

Além disso, auxiliará na adaptação dos estudantes estrangeiros recém-chegados à escola, melhorará a compreensão dos pais sobre o ambiente escolar japonês e diminuirá a possibilidade de mal-entendidos.

O resultado desse esforço, estou certo, estará refletido no futuro dessas crianças e jovens, que terão maior prazer em estudar e interesse em investir em suas formações profissionais e acadêmicas.

Isso, conseqüentemente, colaborará para a construção da sociedade japonesa do futuro.

Ao reiterar o apoio do Ministério das Relações Exteriores do Brasil a diretores, professores, alunos e suas famílias, coloco o Consulado-Geral do Brasil em Tóquio à disposição para facilitar o diálogo entre a comunidade brasileira e os profissionais da educação em todos os seus níveis.

Estamos à disposição, ainda, para explorar possibilidades de colaboração em projetos em benefício dos jovens brasileiros neste país. Agradeço a oportunidade e desejo um ótimo simpósio a todos.

### **3) Saudação da convidada : Sra. Masako Tomizuka, Superintendente de Educação, Conselho de Educação da Província de Chiba**



Gostaria de agradecer-lhes mais uma vez por seus esforços diários para aperfeiçoar a educação de crianças estrangeiras. De acordo com uma pesquisa realizada pelo Ministério da Educação, Cultura, Esportes, Ciência e Tecnologia (MEXT) em 2021, o número de crianças na província de Chiba que necessitam de instrução de língua japonesa é de 2.633 estudantes, o que é aproximadamente o dobro do número de crianças de nacionalidades estrangeira e japonesa em 2014.

O número de crianças com raízes sul-americanas, que também é mencionado no subtítulo do relatório, está aumentando na área de Katsunam (cidades de Yachiyo, Funabashi, Narashino, Ichikawa e Urayasu), na cidade de Chiba, na cidade de Ichihara, na cidade de Narita e arredores. As crianças que precisam de orientação em língua japonesa enfrentam vários problemas, como inadaptação à vida escolar, alienação do ambiente em que vivem e falta de desempenho acadêmico devido à falta de proficiência na língua japonesa, necessária para a vida social e estudos.. Para que essas crianças se adaptem às escolas japonesas e vivam no Japão com tranquilidade, é necessário dar apoio detalhado e individualizado com base na proficiência na língua japonesa e situação familiar.

Por esta razão, em março de 2021, o Conselho de Educação da Província de Chiba formulou a "Política da Província de Chiba para a Educação de Estudantes Estrangeiros" e a província, municípios, escolas e as organizações relevantes estão cooperando para garantir que o sistema de inclusão de estudantes estrangeiros seja aprimorado. Especificamente, o apoio está sendo dado na forma de designação de professores para aprimorar o ensino da língua japonesa, subsídios aos municípios, envio de consultores educacionais às escolas da província, realização de seminários para professores e implementação de exames especiais de admissão para estrangeiros nas escolas da província.

Esperamos que este simpósio promova ainda mais a criação de um sistema de aceitação de crianças com raízes estrangeiras, não apenas da perspectiva do ensino da língua japonesa, mas também da perspectiva da aceitação de crianças com raízes estrangeiras. O Conselho de Educação da Província gostaria de aprimorar ainda mais o sistema de aceitação de crianças estrangeiras, com base nas opiniões expressas no simpósio de hoje.

Para concluir, gostaria de expressar minha sincera gratidão a todos os envolvidos por seus esforços na organização deste simpósio e desejar-lhes tudo de bom em seus empreendimentos e boa saúde. Muito obrigada por sua cooperação.

#### 4) Explicação sobre o objetivo do evento

**Ryoko Niikura, Professora Emérita, Universidade de Chiba**



No contexto da globalização, muitos estrangeiros de vários países têm vivido no Japão nos últimos anos, e suas estadias no país estão se tornando mais longas e permanentes. Os residentes de longa permanência, como os residentes permanentes e de longo período, geralmente são acompanhados por crianças em idade pré-escolar e escolar, e o número de crianças estrangeiras matriculadas nas escolas públicas japonesas continua aumentando. Nos últimos anos, o número de crianças nascidas e criadas no Japão com raízes em outros países tem aumentado, e o número de crianças estrangeiras matriculadas em escolas públicas japonesas tem se tornado cada vez mais multinacional e multiétnico, com mais de 110.000 crianças estrangeiras em maio de 2021.

O cenário escolar japonês entrou em uma nova fase na qual, quer queiramos ou não, temos contato intercultural direto em nossas vidas diárias. Precisamos olhar para o futuro e ver como o campo educacional deve mudar para que as crianças estrangeiras e japonesas possam viver juntas.

As escolas japonesas também matriculam crianças de origem estrangeira, como coreanos e outros residentes no Japão, e não são de forma alguma formadas por um único grupo étnico. No entanto, como a educação japonesa os assimilou de forma involuntária e invisível, há uma falta de conhecimento e informação mútuos entre as crianças e seus pais que "falam japonês" e estão "acostumados ao estilo de vida e comportamento japoneses". Os filhos e pais de pessoas estrangeiras que falam japonês e estão familiarizados com o estilo de vida e comportamento do Japão, não experimentaram muitas noções preconcebidas que pessoas de diferentes culturas podem ter umas sobre as outras, falta de conhecimento e informação mútuas e mal-entendidos resultantes, bem como atritos e conflitos que surgem a partir deles.

No entanto, quando recebemos em nossas classes alunos estrangeiros que "não falam japonês", "não estão familiarizados com os costumes e o comportamento japoneses" ou "tem uma aparência diferente", podemos nos sentir confusos e desconfortáveis estando diante de uma situação em que nossos valores e padrões de comportamento são abalados e não conseguimos compreender as nossas perspectivas e idéias que tomamos como garantido.

É o professor da sala de aula que lida diretamente com as crianças que passam a maior parte do dia na escola. A filosofia de coexistência, as atitudes de acompanhamento e a competência intercultural dos professores também influenciam muito as atitudes e o comportamento intercultural das crianças japonesas que estudam com crianças estrangeiras.

A competência intercultural dos próprios professores não é uma competência especial exigida para ensinar alunos estrangeiros, mas uma competência comum do professor exigida para lidar com problemas nas escolas japonesas, como discriminação e necessidades especiais. O aprimoramento da capacidade dos professores de lidar com idiomas diferentes não se limita a lidar com alunos estrangeiros, mas também dá uma ótima dica para resolver vários problemas na sala de aula e tem o potencial de ser colocado em prática em todos os tipos de situações educacionais.

A razão para limitar o público deste simpósio a professores de escolas é a esperança de que cada professor aprimore sua habilidade de lidar com diferentes culturas, melhore sua autoeducação, veja o mundo, sua sociedade e suas escolas de uma perspectiva mais ampla, criando uma nova estrutura e poder mudar sua prática.

Esperamos que este simpósio não seja apenas uma oportunidade de conhecer e compreender crianças com raízes sul-americanas, mas também que cada professor reconsidere as perspectivas e modo de pensar, que tomou como certo até agora, para identificar os fatores por trás de suas próprias interpretações e julgamentos e aprimore sua capacidade de ver as coisas e obter insights a partir de múltiplas perspectivas.

# 04 Temas para discussão

## Palestra 1: "Histórico cultural e educacional de crianças com raízes sul-americanas"

### Situação das crianças brasileiras no Japão

Sumiko Haino, Professora, Universidade de Línguas Estrangeiras de Kanda



No final de junho de 2023, haviam 23.000 brasileiros com idade entre 5 e 14 anos morando no Japão (Statistics of Resident Foreigners 2023). Mais de 30 anos se passaram desde a implementação da Lei de Controle de Imigração revisada em 1990, que levou à chegada de uma sucessão de famílias brasileiras de ascendência japonesa no Japão. Na pesquisa "Número de Crianças e Estudantes que Necessitam de Ensino da Língua Japonesa" realizada pelo Ministério da Educação, Cultura, Esportes, Ciência e Tecnologia (MEXT) desde a sua criação em 1992 até a última pesquisa (2021), os falantes nativos de português, ou seja, crianças com raízes brasileiras, têm sido o maior grupo (MEXT 2022). A fim de aprofundar a compreensão da situação das crianças com raízes brasileiras, este relatório apresenta uma visão geral do histórico educacional das crianças e de seus pais, incluindo a educação deles no Brasil, os antecedentes da vinda ao Japão, a vida deles no Japão e a experiência educacional de seus filhos.

Primeiramente, a educação brasileira é identificada a partir da JICA (2023) e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira.

#### 1. O sistema educacional brasileiro

- (1) A educação obrigatória no Brasil é de 14 anos (de 4 a 17 anos), consistindo em 2 anos de educação infantil, 9 anos de educação básica (5 anos de ensino fundamental e 4 anos de ensino secundário) e 3 anos de ensino médio.
- (2) As aulas são ministradas em dias úteis de meio período, com opção de sessões matutinas e vespertinas. Há também aulas noturnas para desistentes.
- (3) Há também um sistema de retenção nos cursos de ensino obrigatório (4,2% no total em 2022. 4,7% em escolas públicas e 0,9% em escolas particulares) (Cardozo 2023).

#### 2. Conteúdo educacional no Brasil

- (1) A educação obrigatória, desde a primeira infância até o ensino médio, visa à aquisição de 10 competências gerais, incluindo linguagem, ciências sociais, ciências naturais e ciências da informação, bem como o respeito pelos outros e pelos direitos humanos, refletindo a natureza multicultural do Brasil.
- (2) O idioma de instrução é o português, mas a educação em línguas indígenas também é garantida.
- (3) A educação básica (ensino fundamental e médio) inclui língua portuguesa, aritmética e matemática, ciências, ciências humanas (história e geografia), artes e educação física.
- (4) O inglês é obrigatório a partir da 6ª série da educação básica, mas muitas escolas públicas oferecem inglês desde o ensino fundamental. Algumas escolas também ensinam espanhol.
- (5) A educação secundária (ensino médio) inclui estudos mais avançados em ciências naturais (biologia, física, química), ciências humanas e ciências sociais (história, geografia, sociologia, filosofia).

### 3. Cultura escolar

(1) Regras e costumes da escola: além de ser pontual, responsável e expressar sua opinião, o trabalho em grupo é enfatizado. A limpeza é feita por funcionários da escola (não pelos alunos). Em geral, é permitido o uso de bijuterias na escola. Doces podem ser comprados na escola durante os intervalos. Os alunos também podem trazer lanches de casa. Algumas escolas não usam uniformes de ginástica.

(2) Necessidades escolares: geralmente os uniformes são fornecidos e comprados pelos pais; os livros didáticos são gratuitos nas escolas públicas, mas devem ser comprados nas escolas particulares; os artigos de papelaria são fornecidos pelos pais.

O exposto acima mostra que há diferenças significativas em relação aos japoneses no que diz respeito à cultura escolar. A seguir, examinaremos as circunstâncias da chegada dos brasileiros ao Japão, sua vida no Japão e as experiências educacionais de seus filhos.

### 4. A vinda dos brasileiros ao Japão

#### (1) Ancestralidade dos brasileiros no Japão: imigrantes japoneses no Brasil

A maioria dos brasileiros no Japão são da segunda e terceira geração de imigrantes japoneses no Brasil.

Em 1908, 681 imigrantes japoneses viajaram pela primeira vez ao Brasil do porto de Kobe para trabalhar nas plantações de café no estado de São Paulo. Diz-se que a taxa de permanência foi maior no Brasil do que em outros países porque as famílias de imigrantes tinham que ter pelo menos três membros da família trabalhando nas plantações de café. Quando a política de imigração japonesa terminou oficialmente em 1993, cerca de 240.000 pessoas, incluindo imigrantes do pós-guerra, haviam se estabelecido no Brasil. Hoje, o Brasil tem a maior população nipônica do mundo, com 1,9 milhão de pessoas. A mistura de não-brasileiros com brasileiros de ascendência japonesa é mais avançada do que em qualquer outro país sul-americano. Na sociedade brasileira, os nipo-brasileiros são considerados um grupo étnico trabalhador e socialmente confiável.

#### (2) Antecedentes da chegada ao Japão: revisão das leis de imigração do Japão

O Brasil sofreu uma grave recessão econômica na década de 1980. A inflação ultrapassou 2.000% e os bens da classe média estavam diminuindo a cada dia. Enquanto isso, o Japão estava passando por uma escassez de mão de obra devido à economia da bolha do mesmo período, e a emenda de 1989 da Lei de Controle de Imigração e Reconhecimento de Refugiados (Lei de Controle de Imigração) (aplicada no ano seguinte) criou um novo status de residência de "residente de longo período", permitindo que os nipo-brasileiros de segunda e terceira geração e suas famílias permanecessem no Japão legalmente, sem restrições de emprego. Os nipo-brasileiros, que eram de classe média no Brasil, começaram a vir para o Japão para trabalhar após a aplicação da Lei de Imigração revisada, tornando-se um fenômeno social conhecido como "dekassegui" não só no Japão, mas também no Brasil. Muitos deles são trabalhadores irregulares e não qualificados na indústria de manufatura e seu emprego é instável. Os intermediários que os introduziram no mercado de trabalho apoiaram os trabalhadores fornecendo moradia e intérpretes de português. Essa situação de emprego fez com que os brasileiros tendessem a se reunir em áreas industriais, onde foi criada uma área de convivência em português.

#### (3) Brasileiros no Japão atualmente: migração repetida, permanência prolongada no Japão e mudança geracional

No final de 2022, haviam aproximadamente 210.000 brasileiros vivendo no Japão, em comparação com 310.000 antes do colapso do Lehman Brothers no outono de 2008 (com as três principais províncias de Aichi, Shizuoka e Mie representando mais de 50%). Eles são conhecidos por sua legalidade e portanto, por seu tráfego frequente e repetido entre os dois países. Ao mesmo tempo, o tempo de permanência no Japão também aumentou, sendo que 55% do total já mudaram seu status de visto para "residente permanente". Mais de 30 anos se passaram desde o rápido aumento das chegadas ao Japão, e questões como descentralização, educação das crianças, ciclo intergeracional de pobreza, envelhecimento e cuidados com os idosos se tornaram novos problemas.



## 5. Experiências de escolarização de crianças com raízes brasileiras

### (1) Existência de escolas brasileiras:

Existem 33 escolas brasileiras aprovadas pelo governo brasileiro no Japão, principalmente em comunidades brasileiras. Há também oito universidades brasileiras por correspondência, de modo que as crianças com raízes brasileiras podem concluir seus estudos da pré-escola à universidade apenas em português, enquanto ainda estão no Japão. As escolas brasileiras começaram a ser estabelecidas no final da década de 1990 e em 1999, foi introduzido um sistema de aprovação do governo brasileiro. Diz-se que havia mais de 100 escolas em todo o país, mas quando o colapso do Lehman Brothers fez com que várias pessoas retornassem ao Brasil, várias escolas fecharam devido a dificuldades de manutenção. As escolas continuaram a existir em resposta às necessidades das crianças que não conseguem se adaptar às escolas japonesas e às famílias que desejam retornar aos seus países de origem.

No entanto, muitas dessas crianças continuam a permanecer no Japão depois de se formarem nessas escolas. Há uma necessidade urgente de melhorar o ensino da língua japonesa nas escolas brasileiras e de garantir educação superior e oportunidades de emprego.

### (2) Diversas experiências escolares:

Como as escolas brasileiras existem apenas em áreas de comunidade brasileira e são caras, muitas crianças de origem brasileira frequentam escolas públicas locais, mesmo que morem em áreas de comunidade brasileira. A razão pela qual elas continuam a ser consideradas "crianças que precisam do ensino da língua japonesa" não se deve apenas à distância linguística entre o japonês e o português, mas também às suas frequentes idas e vindas ao Brasil.

No caso das crianças brasileiras, a experiência de escolarização de cada indivíduo é diferente, incluindo a realocação dentro do Japão devido ao emprego precário dos pais, mudança de escolas brasileiras e mudança de crianças que acabaram de chegar ao Japão. Essas mudanças entre países, dentro de um mesmo país e entre escolas, dificultam as crianças de origem brasileira manter a continuidade educacional. Embora as crianças com raízes brasileiras pareçam ter mais opções educacionais do que outros grupos étnicos, isso não se traduz necessariamente em experiências enriquecedoras e um empoderamento dessas crianças.

## 6. Língua materna, idioma herdado e integração social

Se ambos os pais forem brasileiros, é muito provável que o português, em vez do japonês, seja usado em casa, mesmo que os pais sejam descendentes de japoneses. O português como língua materna também está atraindo a atenção da comunidade brasileira como uma atividade de ensino da língua portuguesa fora das escolas brasileiras, não apenas em salas de aula presenciais em áreas de comunidade brasileira, mas também em aulas de português online. A idéia de que ser um falante bilíngue é um recurso tanto para o indivíduo quanto para a sociedade e a teoria de que a extensão da língua materna e da língua herdada ajuda na aquisição da segunda língua (japonês) estão se tornando mais difundidas. Ao aceitar alunos estrangeiros, espera-se que as escolas públicas japonesas também criem maneiras de respeitar o idioma usado em casa (língua materna dos pais) e utilizá-lo em suas atividades educacionais (Ministério da Educação, Cultura, Esportes, Ciência e Tecnologia, 2019). O número de alunos de segunda geração que ingressam no ensino médio e na universidade está aumentando, e os alunos bilíngues de segunda geração estão começando a desempenhar um papel de elo entre a comunidade brasileira e a sociedade japonesa.

## Palestra 2: "Histórico cultural e educacional de crianças com raízes sul-americanas"

### Estudo de caso de peruanos no Japão

Jose Kohatsu, professor em tempo parcial, Universidade Dokkyo,



No final de junho de 2023, havia 5.181 peruanos com idade entre 5 e 14 anos vivendo no Japão (Statistics of Foreign Residents 2023). Eles são o segundo maior grupo de crianças de origem sul-americana da mesma idade, depois do Brasil e são o maior em países de língua espanhola (6.782), representando cerca de 76% do total. Embora tenha havido alguma migração entre a província de Okinawa e o Peru após a Segunda Guerra Mundial, em um nível coletivo, mais de 30 anos se passaram desde que a Lei de Controle de Imigração revisada entrou em vigor em 1990, com uma sucessão de famílias peruanas de ascendência japonesa vindo para o Japão. Os números são desconhecidos, mas estima-se que a maioria dos falantes nativos de espanhol seja de origem peruana. Para aprofundar a compreensão da situação das crianças com raízes peruanas, este relatório apresenta uma visão geral do histórico educacional das crianças e de seus pais, incluindo sua educação peruana, as circunstâncias de sua chegada ao Japão, sua vida no Japão e as experiências educacionais de seus filhos.

#### 1. Mudanças na legislação educacional peruana nos últimos anos

Atualmente, a lei educacional do Peru funciona de acordo com a Lei de Educação Integral de 2003 (a antiga Lei de Educação Integral de 1982). Em comparação com a antiga Lei de Educação, a lei atual estabelece claramente a universalização da educação, a qualidade, a equidade e a descentralização administrativa e a reestruturação do sistema educacional, entre outras melhorias. No entanto, a reforma educacional do Peru ficou para trás, considerando as reformas educacionais implementadas nos países latino-americanos na década de 1990 que buscavam reduzir as desigualdades sociais. O pano de fundo para isso é a turbulência social causada pelos problemas de segurança do Peru na década de 1990 e a falta de uma política de longo prazo para a educação por parte do regime. Em seguida, houve o problema de longo prazo do aumento da desigualdade social devido à redução dos orçamentos para a educação e à baixa qualidade da educação devido à crise econômica desde a década de 1980, o que dificultou a disponibilidade de uma educação estável.

#### 2. O sistema educacional peruano

- (1) A educação no Peru é amplamente dividida em educação básica, que é obrigatória e educação superior. A primeira consiste em um ano de educação pré-primária, seis anos de educação primária e cinco anos de educação secundária, em um total de 12 anos. No ensino superior, é realizado um exame comum para admissão em universidades públicas.
- (2) O horário das escolas públicas é das 8:00 até 13:00 ou das 8:00 até 16:00.
- (3) Há também educação básica especial para crianças com deficiências e educação básica alternativa para aqueles que não tiveram acesso à educação básica.

#### 3. Conteúdo educacional no Peru

- (1) A educação é oferecida em espanhol, mas também em quechua e outros idiomas em áreas predominantemente indígenas.
- (2) Nas escolas públicas de ensino fundamental, as crianças estudam o idioma nacional (espanhol), matemática, ciências, estudos sociais, artes, educação física e religião. Nas escolas públicas, os alunos também podem estudar economia doméstica, música e inglês.
- (3) No ensino médio, os estudos se concentram no idioma nacional (espanhol), história, geografia, inglês, educação cívica, economia doméstica, matemática e ciências. Algumas escolas também oferecem arte, educação física, religião e educação vocacional,
- (4) 20 horas por semana (45 minutos/hora) são destinadas às disciplinas obrigatórias nas escolas primárias, 29 horas por semana (50 minutos/hora) nas escolas secundárias públicas e pelo menos 35 horas por semana nas escolas públicas.

#### 4. Cultura escolar no Peru

- (1) O ano letivo vai de março a dezembro e consiste em três ou quatro semestres. Não há provas de final de semestre nas escolas primárias e não há lição de casa durante as férias de verão (2½ meses) e de inverno (1-2 semanas em agosto). Há reuniões com os pais quatro vezes por ano, mas não há visitas às aulas nem visitas domiciliares.
- (2) Os eventos típicos da escola são o Dia dos Pais, o Dia das Mães e eventos esportivos (algumas escolas não organizam esses eventos).
- (3) Nas escolas públicas, muitas vezes, não tem a lição de casa.
- (4) Nas escolas públicas, o atraso é aplicado com menos rigor e não há necessidade de entrar em contato com a escola. Além disso, independentemente da escola ser pública ou privada, os alunos não limpam a escola, mas a empresa contratada se encarrega disso.
- (5) Não há restrições quanto ao vestuário, e os alunos podem usar penteados de cabelo e bijuterias livremente. Canetas esferográficas são permitidas para copiar o quadro a partir do ensino fundamental.
- (6) Os alunos podem trazer doces e outros lanches, e há lojas nas escolas primárias e secundárias onde os alunos podem comprar lanches durante os intervalos.

As informações acima mostram que a cultura escolar é muito diferente do Japão.

A seguir, examinaremos as circunstâncias da chegada dos peruanos ao Japão, sua vida no Japão e as experiências educacionais de seus filhos.

#### 5. Histórico dos peruanos no Japão

##### (1) Ancestralidade dos peruanos no Japão: imigração japonesa para o Peru

A maioria dos peruanos no Japão é um grupo de descendentes japoneses, principalmente de terceira geração de imigrantes japoneses no Peru: em 1899, 790 imigrantes contratados viajaram para o Peru no Sakura Maru, que partiu do porto de Yokohama, tornando-se os primeiros imigrantes japoneses na América do Sul. Na época da Segunda Guerra Mundial, cerca de 30.000 japoneses haviam chegado ao Peru, mas após a guerra, foram implementadas restrições à imigração japonesa, em parte devido à política do governo peruano. Atualmente, a população nipônica do Peru é considerada a segunda maior da América do Sul, depois do Brasil, com aproximadamente 200.000 pessoas. Eles também são um grupo étnico com alta reputação social devido às contribuições dos imigrantes japoneses à sociedade peruana.

##### (2) Histórico do Japão: revisão das leis de imigração do Japão

O Peru, assim como o Brasil, foi atingido por uma grave recessão econômica na década de 1980. Ao mesmo tempo, atos de terrorismo levaram a uma deterioração da segurança no Peru, que enfrentou uma situação social instável até a década de 1990. Enquanto isso, no Japão, a economia de bolha do mesmo período levou a uma escassez de mão de obra e a emenda de 1989 à Lei de Imigração e Reconhecimento de Refugiados (Lei de Controle de Imigração) (que entrou em vigor no ano seguinte) criou um novo status de residência de "residente permanente", permitindo que os descendentes japoneses de segunda e terceira geração e suas famílias permanecessem no Japão legalmente, sem restrições de emprego. Japoneses e não japoneses de diversas origens socioeconômicas do Peru vieram ao Japão para trabalhar temporariamente. Eles têm se engajado em empregos precários como trabalhadores irregulares e não qualificados, principalmente no setor de manufatura, que não exige conhecimento da língua japonesa.

##### (3) Peruanos no Japão atualmente: tendência à residência permanente, diluição da etnia

A população peruana no Japão atingiu o pico em 2008 com 59.723 e, desde então, diminuiu para 48.914 no final de dezembro de 2022, com a recessão econômica causada pelo colapso do Lehman Brothers no final de 2008 e o Grande Terremoto do Leste do Japão em 2011, que se acredita serem fatores do declínio. Acredita-se que o aumento da naturalização para a cidadania japonesa (Yanagida 2011) também tenha contribuído para o declínio do número total. A tendência de se estabelecer no Japão também progrediu desde um estágio inicial, com as pessoas permanecendo no Japão por períodos mais longos. No entanto, é difícil dizer que suas vidas são estáveis e problemas como padrões de emprego instáveis, dificuldades econômicas, ciclo de pobreza, baixa escolaridade e envelhecimento são aparentes. E, dependendo da área de residência, as crianças de origem peruana demonstram pouco apego às suas raízes.

## 6. Experiências de escolarização de crianças com raízes peruanas

### (1) Ausência e recepção de escolas peruanas

Há poucas maneiras de as crianças de origem peruana estudarem o currículo peruano no Japão, incluindo o Mundo de Alegria, que foi inaugurado na cidade de Hamamatsu, província de Shizuoka, em fevereiro de 2003. Outras escolas peruanas existiram em Gunma e em outras províncias, mas não duraram muito tempo porque era difícil manter sua administração. A outra é o PEAD (educação por correspondência), que começou em março de 1994, mas a continuidade é difícil porque é praticada principalmente enquanto se frequenta a escola no Japão. Como resultado, muitas crianças com raízes peruanas precisam frequentar a escola no Japão. Para as crianças que acabaram de chegar ao Japão ou que cresceram em famílias peruanas, não é fácil se adaptar às escolas japonesas, onde há uma forte pressão de assimilação, levando a uma perda de raízes. Existe a preocupação de que as crianças deixem de frequentar a escola ou desistam se tiverem problemas de adaptação à escola, e não há muitos lugares para receber crianças que tenham consciência de suas raízes.

### (2) Ramificação de crianças com raízes peruanas

A maioria das crianças de origem peruana é educada em escolas japonesas e ingressa na sociedade japonesa. Alguns retornam ao Peru para estudar mais, enquanto outros concluem o ensino superior e encontram emprego em um terceiro país, mas essas são exceções. Muitas crianças de origem peruana concluem o ensino fundamental, o ensino médio ou o ensino superior no Japão e entram na sociedade japonesa para trabalhar em empregos formais ou informais, qualificados ou não qualificados. Vamos considerar os antecedentes desse fato.

Primeiro, há o ambiente instável em casa. Reguladores de emprego no trabalho, famílias monoparentais e questões de status de residência podem afetar o aprendizado contínuo das crianças. A mobilidade devido a mudanças de emprego, condições econômicas instáveis e falta de perspectivas futuras são fatores externos que podem afetar o futuro de uma criança.

A próxima questão é como as informações são obtidas e consideradas autênticas. Em comparação com a década de 1990, as melhorias institucionais na sociedade japonesa e o desenvolvimento de dispositivos de comunicação tornaram possível obter e compartilhar uma grande quantidade de informações em vários idiomas. Entretanto, as informações fornecidas nem sempre são precisas e podem ser excludentes.

A abundância de informações pode dificultar a busca do conteúdo necessário, não sendo possível julgar a sua autenticidade e a visualização em espanhol pode não ser possível. O aconselhamento sobre ensino superior, emprego e bolsas de estudo pode ser feito pelos pais e filhos ou por terceiros, mas pode não levar a um resultado satisfatório. Isso se deve ao fato de que a mesma informação pode ser interpretada de forma diferente, dependendo de quem fornece a informação e em que posição se encontra.

Além disso, há a indiferença dos membros mais antigos da comunidade. Embora já tenham se passado mais de 30 anos desde que começaram a vir para o Japão, a presença da primeira e da segunda geração, que já se entrosaram na sociedade, não é muito comum na comunidade. Mesmo que apareçam em certos eventos, geralmente são distantes quando se trata de apoio a crianças de origem peruana. Não há um alto nível de interesse por parte dos idosos, embora eles tenham elementos que possam orientar as crianças de origem peruana como modelos ou contribuir com a comunidade a partir de suas experiências na sociedade japonesa.

Considera-se que as crianças de origem peruana são afetadas por fatores internos e externos que afetam seu entrosamento na sociedade japonesa, tornando suas perspectivas futuras incertas.



# Palestra 3: "Situação atual das crianças com raízes sul-americanas no Japão -Com foco nas atitudes dos professores em relação à aceitação".



Ryoko Niikura, Professora Emérita, Universidade de Chiba

Este relatório discutirá as duas perspectivas a seguir.

## 1. A situação atual das crianças com raízes sul-americanas na província de Chiba

A situação atual no Japão com relação às crianças com raízes sul-americanas na província de Chiba é delineada com base em dados estatísticos e as questões que emergem disso serão discutidas.

A província de Chiba tem 182.189 residentes estrangeiros de 163 países, ocupando o sexto lugar no Japão. (Fig. 1) A Tabela 1 mostra a distribuição dos cidadãos sul-americanos que residem na província de Chiba. Este relatório se concentra na situação atual dos cidadãos brasileiros e peruanos, que constituem a maioria dos residentes sul-americanos na província de Chiba.

A Figura 2-1 mostra a distribuição dos cidadãos brasileiros e peruanos por município na província de Chiba, e a Figura 2-2 mostra a distribuição do número de residentes por município. Os brasileiros estão concentrados nas cidades de Yachiyo, Funabashi, Ichihara e Chiba, enquanto os peruanos estão concentrados nas cidades de Yachiyo, Narita, Sakura, Ichihara e Chiba.

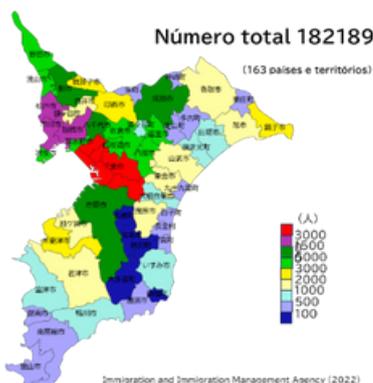


Figura 1 Distribuição de estrangeiros registrados por município na província de Chiba No final de dezembro de 2022

Tabela 1: Distribuição de pessoas de países da América do Sul que vivem na província de Chiba

Argentina	115	Guiana	0
Bolívia	188	Paraguai	67
Brasil	3568	Peru	2721
Chile	93	Suriname	1
Colômbia	252	Uruguai	7
Equador	8	Venezuela	35

Immigration and Immigration Management Agency (2022)

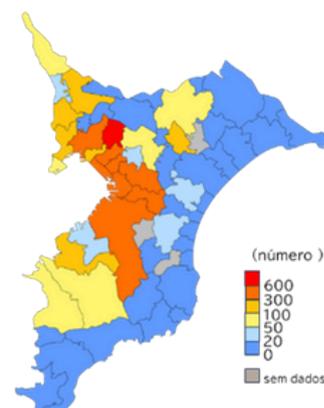


Figura 2-1 Número de residentes estrangeiros de nacionalidade brasileira por município, Prefeitura de Chiba

Immigration and Immigration Management Agency (2022)

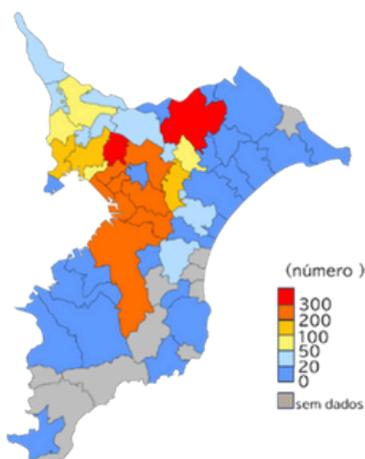


Figura 2-2 Número de residentes estrangeiros de nacionalidade peruana por município, Prefeitura de Chiba

Immigration and Immigration Management Agency (2022)

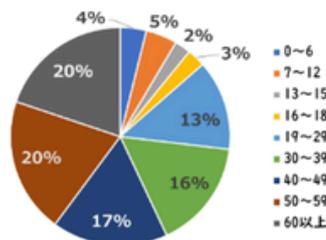


Figura 3-1 Porcentagem de residentes brasileiros por idade Prefeitura de Chiba

Tabela 2-1 Distribuição do número de crianças em idade pré-escolar e escolar com base em seu status de residência

Idade	0~6	7~12	13~15	16~18
Estadia em família	5	3	3	0
Atividades específicas	0	0	0	0
Residente permanente	34	86	48	55
Cônjuge japonês, etc.	1	1	0	0
Cônjuge ou filho de residente permanente	36	10	4	2
Residente permanente	61	65	29	39

Immigration and Immigration Management Agency (2022)

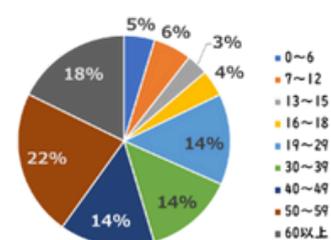


Figura 3-2 Porcentagem de peruanos no Japão por idade, Prefeitura de Chiba

Tabela 2-2 Distribuição do número de crianças em idade pré-escolar e escolar com base em seu status de residência

Idade	0~6	7~12	13~15	16~18
Estadia em família	2	0	0	0
Atividades específicas	0	0	1	0
Residente permanente	22	71	63	78
Cônjuge japonês, etc.	0	0	0	1
Cônjuge ou filho de residente permanente	65	26	5	1
Residente permanente	38	61	20	30

Immigration and Immigration Management Agency (2022)

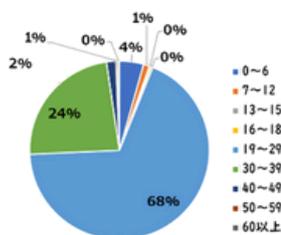


Figura 4-1 Porcentagem de residentes vietnamitas por idade Prefeitura de Chiba

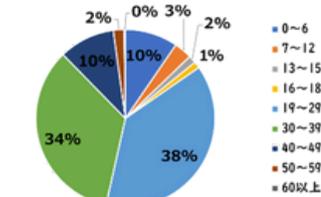


Figura 4-2 Porcentagem de residentes nepaleses por idade, Prefeitura de Chiba

Tabela 3-1 Distribuição do número de crianças em idade pré-escolar e escolar com base em seu status de residência

Idade	0~6	7~12	13~15	16~18
Estadia em família	982	144	25	10
Atividades específicas	11	0	0	2
Residente permanente	131	118	37	16
Cônjuge japonês, etc.	1	2	0	0
Cônjuge ou filho de residente permanente	29	3	0	0
Residente permanente	29	34	15	6

Immigration and Immigration Management Agency (2022)

Tabela 3-2 Distribuição do número de crianças em idade pré-escolar e escolar com base em seu status de residência

Idade	0~6	7~12	13~15	16~18
Estadia em família	868	265	125	91
Atividades específicas	9	1	0	0
Residente permanente	41	48	10	13
Cônjuge japonês, etc.	0	0	0	0
Cônjuge ou filho de residente permanente	19	1	0	0
Residente permanente	24	11	5	5

Immigration and Immigration Management Agency (2022)

Tabela 4: Principais idiomas falados pelos alunos estrangeiros que precisam de ensino de japonês na província de Chiba

Prefeitura de Chiba	Japonês	inglês	Coreano/Koreano	espanhol	Chinês	filipino	vietnamita	português	Outros idiomas	Total	Número de idiomas
2008		47	59	145	391	298	10	75	137	1162	25
2018		42	41	132	597	359	41	48	518	1778	30
2021	107	131	14	125	661	661	262	74	754	2193	40

Pesquisa do Ministério da Educação, Cultura, Esportes, Ciência e Tecnologia sobre a situação da aceitação de crianças que precisam de ensino da língua japonesa em 2021 (2022).

As Figuras 3-1 e 3-2 mostram a porcentagem de pessoas por idade em cada país. Observando as porcentagens por idade, tanto no Brasil como no Peru, as porcentagens são semelhantes para todas as idades, desde crianças em idade pré-escolar até pessoas com 60 anos. As Tabelas 2-1 e 2-2 mostram o detalhamento do número de crianças em idade pré-escolar e escolar no Brasil e no Peru, respectivamente, de acordo com seu status de residência. Em termos de status de residência, mais de 80% das crianças em idade pré-escolar e escolar, tanto no Brasil quanto no Peru, têm status de residência permanente ou longo período. Essa tendência pode ser interpretada como resultado da emenda de 1989 à Lei de Controle de Imigração, que promoveu a residência permanente e de longo período por um período de mais de 30 anos.

Em contraste, quando observamos as proporções baseadas na idade dos nepaleses e vietnamitas, que aumentaram rapidamente nos últimos anos, ( Figuras 4-1, 4-2 ) mais de 80% deles têm entre 19 e 40 anos de idade, e quando observamos o status de residência em conjunto, descobrimos que a maioria das crianças em idade pré-escolar e escolar está com o status de "permanência familiar". ( Tabela 3-1, Tabela 3-2 ) Esses dados mostram o grande número de crianças já matriculadas ou ingressando em escolas japonesas, e pode-se ler que há uma diferença entre as tendências de permanência de pessoas do Brasil e do Peru e as de pessoas recém chegados de outros países.

O relatório também sugere a importância de estar atento aos vários tipos de informações disponíveis para identificar as crianças, incluindo o tipo de residência e o histórico da chegada da família ao Japão. Espera-se que os professores prestem atenção à realidade das crianças que, às vezes, que são jogadas no meio de um ambiente internacional fluido, identifiquem seus múltiplos fatores e os analisem sob várias perspectivas.

A Tabela 4 mostra os principais idiomas falados pelas crianças na província de Chiba que precisam do ensino da língua japonesa, e o número de idiomas classificados como "outros" aumentou seis vezes nos últimos 10 anos, indicando que a língua materna está se tornando mais diversificada.

As Figuras 5-1 e 5-2 mostram a porcentagem e o número real de "alunos do ensino fundamental e médio de língua portuguesa que precisam de ensino de japonês" por município na província de Chiba, e as Figuras 6-1 e 6-2 mostram a porcentagem e o número real de "alunos do ensino fundamental e médio de língua espanhola que precisam de ensino de japonês".

O número de alunos do ensino fundamental e médio cuja língua materna é o português e que precisam de orientação em japonês é pequeno em ambos os casos: sete na cidade de Futtsu e dois na cidade de Kimitsu e três na cidade de Sodegaura. Esses municípios são "áreas dispersas" onde o número de crianças estrangeiras é pequeno. A mesma tendência se aplica aos alunos do ensino fundamental e médio cuja língua materna é o espanhol e que precisam do ensino da língua japonesa: quatro alunos do ensino fundamental na cidade de Futtsu e um aluno do ensino médio na cidade de Futtsu, na cidade de Sodegaura e na cidade de Kisarazu, todas elas áreas dispersas. Seria um erro interpretar esse número como pequeno e supor que é mais fácil lidar com ele do que com as áreas de assentamento. Isso sugere que os problemas em áreas dispersas, que não eram um problema até agora, também estão aparecendo na província de Chiba.

Na província de Chiba, em áreas onde há um grande número de alunos, foram criados centros e escolas de base para oferecer aulas de japonês (com vários nomes) para "crianças estrangeiras e alunos que precisam de ensino da língua japonesa", e foram designados professores para essas aulas e, embora não seja suficiente, foi estabelecido um sistema para disponibilizar essa orientação.

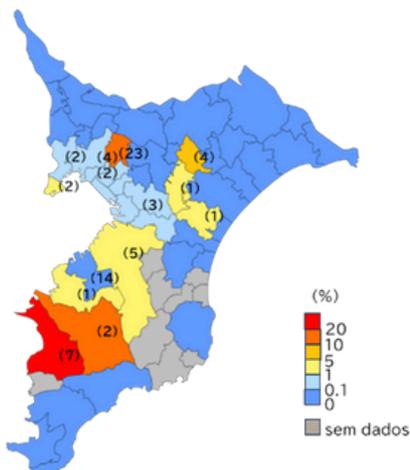


Figura 5-1. Porcentagem de crianças do ensino fundamental cuja língua materna é o português e que precisam de ensino de japonês, por município.

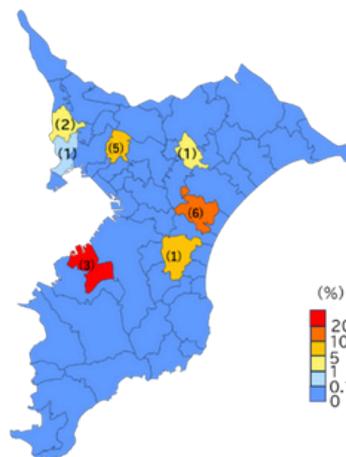


Figura 5-2. Porcentagem de alunos do ensino médio cuja língua materna é o português e que precisam de ensino de japonês, por município

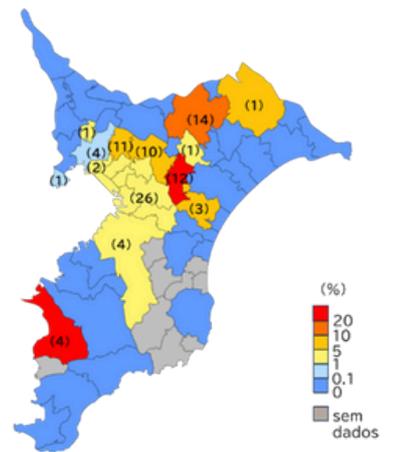


Figura 6-1. Porcentagem de crianças do ensino fundamental cuja língua materna é o espanhol e que precisam de ensino de japonês, por município

(Processado a partir da pesquisa de 2021 do Ministério da Educação, Cultura, Esportes, Ciência e Tecnologia sobre a situação da aceitação de crianças que precisam de ensino da língua japonesa.)

(Processado a partir da pesquisa de 2021 do Ministério da Educação, Cultura, Esportes, Ciência e T

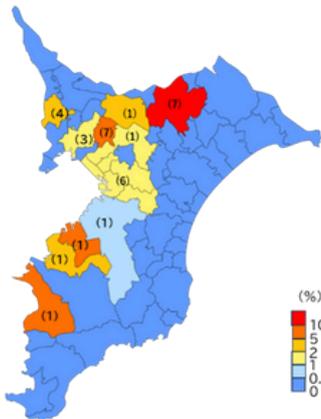


Figura 6-2. Porcentagem de alunos do ensino médio com espanhol como língua materna que precisam de ensino de japonês, por município

Tecnologia sobre a situação da aceitação de crianças que precisam de ensino da língua japonesa.

Entretanto, nessas áreas dispersas, em comparação com as áreas de assentamento, há menos recursos e nenhum know-how acumulado para dar suporte ao pequeno número de crianças estrangeiras e é inegável que a orientação é menos disponível. Com relação à educação de crianças com raízes estrangeiras em áreas dispersas, a realidade é que o ensino continua mesmo sem a alocação de recursos especiais em termos de pessoal e orçamento, como o ensino do idioma japonês e intérpretes voluntários em áreas de assentamento onde há muitas crianças estrangeiras. A fim de olhar para as escolas em áreas dispersas no futuro e as disparidades regionais para apoio sejam eliminadas, é necessário considerar um sistema de cooperação com as áreas de assentamento, como o fornecimento de recursos e know-how das áreas de assentamento, o que levará a uma redução das disparidades regionais de informações e recursos.

## 2. Atitudes dos professores que trabalham com crianças de origem estrangeira

Até agora, não era comum relatar as lutas diárias dos professores no campo da educação e seus pensamentos e sentimentos internos. Neste relatório, apresentamos as vozes reais dos professores obtidas em entrevistas anteriores para descobrir como eles lidam com os vários eventos que enfrentam diariamente e que tipo de preocupações e conflitos enfrentam.

<Perplexidade e vazio no contato direto com crianças de diversas origens>.

Caso 1-1: Sou responsável por uma criança que acha que não consegue mais estudar e tenho uma sensação de vazio, pois não há nada que eu possa fazer para ajudá-la com seu atraso no aprendizado. Sinceramente, sinto que não tenho outra escolha a não ser ser apenas um observador e, muitas vezes, não dou orientação especial, especialmente em termos de estudos e, de fato, é impossível dar aulas particulares porque não há ninguém para fazer isso.

Caso 1-2: Os pais são completamente indiferentes à educação de seus filhos. Eu não conseguia falar com os pais, em parte por causa do problema com o idioma japonês e, embora tenha tentado entrar em contato com eles algumas vezes no início, isso gradualmente se tornou um fardo e mais tarde, quase não entrava em contato com eles. Eles também acham difícil fazer com que os pais com atitudes diferentes em relação à escola e aos estudos entendam a maneira japonesa de fazer as coisas.

<Confusão e falta de certeza sobre julgamentos subjetivos e como lidar com isso>

Caso 2-1: Como eles estão no Japão, eu gostaria que eles seguissem um pouco a maneira japonesa, mas se eles disserem que é uma questão religiosa, acho que não devo ir mais longe.

Caso 2-2: Acho que as aulas para estrangeiros são originalmente para alunos que não entendem japonês, mas eles estão fazendo as aulas porque não têm habilidades acadêmicas básicas, embora seu japonês seja bom. Há muitas crianças japonesas que também não têm habilidades acadêmicas básicas e precisam de apoio. Acho que é uma pena que elas estejam separadas. Eu gostaria de apoiá-las independentemente de sua nacionalidade.

<Sentimentos negativos em relação ao contato intercultural

Caso 3-1: Quando os pais estrangeiros se comportam de uma maneira que não entendo, mesmo que pais japoneses fazem a mesma coisa, sinto que é porque eles todos são "seres humanos, afinal de contas". Sou japonês e só vivi na sociedade japonesa, portanto, sinceramente, não pensei muito e realmente não entendo sobre como as crianças estrangeiras deveriam viver.

Caso 3-2: As crianças que aceitamos até agora não tiveram nenhum problema. Os pais se esforçaram ao máximo para falar japonês, e as crianças ouviram o que dissemos e se esforçaram ao máximo para se acostumar com a vida no Japão o mais rápido possível. Entretanto, se elas não souberem falar japonês e os pais não apoiarem sua educação, ninguém vai querer assumir essa situação. Entendo a importância de aceitá-las, mas...

<Consciência do estabelecimento de uma nova estrutura>.

Caso 4-2: Uma aluna que esteve em seu país de origem até o ensino fundamental e foi transferida para o terceiro ano com um certificado de resultados muito bons no ensino fundamental em seu país de origem. Eu achava que ela era uma criança com alta capacidade de aprendizado, mas era difícil para ela ter aulas de japonês. Se ela continuar assim, não conseguirá cursar o ensino médio. Eu me pergunto o que acontecerá com o futuro dessa criança, que tem capacidade e habilidade acadêmica, mas não tem o ambiente para receber uma educação que corresponda à sua capacidade e habilidade acadêmicas, e me pergunto se há algo que eu possa fazer para ajudá-la.

Esses relatórios revelam professores que se deparam com diversos alunos de diferentes origens culturais e linguísticas, que estão inseguros e em conflito sobre seus próprios critérios e como lidar com isso, dando educação enquanto fazem as mesmas perguntas.

"Eu sei em minha cabeça, mas meus sentimentos não me acompanham". Sei que deveria, mas quero evitá-los se puder. "Tento entender, mas isso me deixa desconfortável". Também é verdade que sentimentos negativos como "Não me sinto confortável mesmo entendendo", "Acho que deveria, mas quero evitar", "Tento entender, mas isso me deixa desconfortável". O contato direto com outras pessoas de diferentes origens linguísticas e culturais nem sempre é confortável para aqueles que passaram muito tempo no mesmo grupo cultural, mas a coexistência intercultural exige estar ciente dos possíveis sentimentos negativos que existem na mente, superar conflitos psicológicos e aprender a lidar com a heterogeneidade. Isso é necessário.

Lidar com conflitos por meio do contato direto com crianças de diferentes origens estrangeiras e seus pais é uma primeira etapa importante para o aprimoramento da competência intercultural. Entretanto, os professores não devem tentar enfrentar os conflitos sózinhos, mas sim discuti-los com outros professores, para que possam analisar suas próprias interpretações a partir de diferentes perspectivas e como resultado, encontrar maneiras construtivas de lidar com eles. A competência intercultural individual pode ser desenvolvida por meio de uma série de processos nos quais as questões são compartilhadas por meio de discussões e consentimento sobre as medidas que podem ser tomadas para resolvê-las. Ao criar um ambiente no qual as questões são compartilhadas e discutidas, começando com discussões entre os professores e depois passando para a escola como um todo e para o conselho de educação e outros órgãos administrativos, os próprios professores se conscientizam de seu poder interior e ao mesmo tempo em que conectam esse poder à sua prática educacional, analisam e aprimoram ativamente o sistema e os métodos educacionais em suas escolas, que antes consideravam óbvios. Acredito que é possível aprimorar as habilidades de autoeducação. Nesse sentido, é desejável considerar o apoio ao aprimoramento da capacidade de autoeducação dos professores, que tende a ser negligenciada até agora e criar um mecanismo de apoio às escolas na sociedade como um todo.



# Transcrição do painel de discussão

"O que nós, professores, podemos fazer para entender os desafios educacionais das crianças com raízes sul-americanas?"



**Coordenadora Professora Associada, Universidade de Línguas Estrangeiras de Kanda Sumiko Haino:** [Haino](#)

[Haino](#) Os participantes do painel de hoje incluem dois diretores de escolas atuais e três jovens que frequentaram escolas no Japão, sendo crianças com raízes estrangeiras. Os participantes do painel, que eram crianças com raízes estrangeiras, compartilharão suas experiências e pensamentos sobre perguntas que os professores não podem fazer diretamente às crianças com raízes estrangeiras na sala de aula e, em seguida, as diretoras da escola falarão em nome da escola e dos professores sobre suas opiniões e pensamentos.



## Apresentação dos membros do painel.

**Tazuko Nagashima, diretora da Escola Secundária Kiyokawa, Kisarazu.** : [Nagashima](#)



**Toshie Nakamura, diretora da Escola Primária Gosho, Ichihara.** : [Nakamura](#)

Jovens com raízes estrangeiras.

**Jose Kohatsu, professor em tempo parcial, Universidade Dokkyo.** : [Kohatsu](#)

Vim para o Japão pela primeira vez em 1992, quando tinha oito anos de idade, por causa do trabalho de meus pais. Não havia estrangeiros ao meu redor e estudei no ensino fundamental, médio e superior em um ambiente totalmente japonês. Depois de me formar no ensino médio, entrei em uma escola profissionalizante em Tóquio. Se eu tivesse continuado, teria trabalhado em uma empresa japonesa, mas fui tratado como estrangeiro na escola profissionalizante e nas entrevistas de emprego e não me senti bem-vindo na sociedade. Voltei ao Peru em 2005, em parte porque queria trabalhar em espanhol no futuro e, devido ao colapso do Lehman Brothers em 2008, muitas famílias peruanas voltaram do Japão para o Peru, onde seus filhos



enfrentaram a mesma situação que eu enfrentei no passado. Em outras palavras, as crianças haviam mudado de país para a conveniência dos pais e foram enviadas para escolas locais, mas só conseguiam falar japonês pela metade, quanto mais espanhol. Questionei a sociedade japonesa que acolhia essas crianças e voltei ao Japão em 2011 para estudar novamente. Transferi-me para a Universidade de Utsunomiya, onde concluí meu doutorado. Atualmente, sou professor em tempo parcial na Universidade Dokkyo e presidente da Associação Kyosei Japão-Peru, criada em 1999.

**Diana Hikari Akihama, estudante do 3º ano, Departamento de Línguas Ibero-Americanas, Faculdade de Línguas Estrangeiras, Universidade de Línguas Estrangeiras de Kanda. : Akihama**

Meu pai é um nipo-brasileiro de terceira geração e meus pais vieram para o Japão em 1990. Eu nasci no Japão em 2002 e cresci no Japão toda a minha vida. Estudei em escola pública no ensino fundamental, médio e superior. Moro em uma região onde não há muitos brasileiros e não tive nenhum contato com outros brasileiros além dos meus pais. Meus pais falam bem japonês, então não falei português por muito tempo. Aprendi português de verdade quando entrei na universidade.



**João Uchida, estudante do 2º ano, Departamento de Português, Faculdade de Línguas Estrangeiras, Universidade Sophia. : Uchida**

Sou brasileiro de quarta geração, descendente de japoneses, de nacionalidade brasileira e tenho 20 anos de idade. Meus pais vieram para o Japão em 1997 e eu nasci e fui criado no Japão. Estudei em uma escola brasileira no jardim de infância e em escolas públicas no ensino fundamental e médio. Moro em uma área com uma grande população brasileira. Meus pais não falam japonês, então tive a oportunidade de usar o português em um nível de conversação cotidiana na minha família e na comunidade brasileira. Atualmente, estou estudando português na universidade. Passei metade do meu primeiro ano do ensino fundamental no Brasil e tive aulas especiais \* até o terceiro ano do ensino fundamental.



\*Aulas especiais: um método de ensino que dá instrução em pequenos grupos para crianças que têm dificuldade de acompanhar o ensino geral na sala de aula.

## **Aceitação e orientação inicial**

**Q1: É necessário ter aulas especiais? O que você gostaria de aprender com as aulas especiais?**

Kohatsu Acho que as aulas especiais são importantes. Essas crianças não conseguem acompanhar as aulas regulares e seus pais não as ensinam quando elas vão para casa. Os pais não podem ensinar seus filhos porque são descendentes de japoneses e não têm o conhecimento da língua japonesa para ensinar-lhes as matérias. Foi um momento significativo para os professores me ensinarem detalhadamente nas aulas especiais.

Além disso, para as crianças estrangeiras, as aulas especiais não são apenas um lugar para estudar. É um lugar onde crianças com o mesmo ambiente de vida e histórico se reúnem, portanto, pode ser um lugar confortável para elas.

Agora, penso novamente sobre o que eu gostaria que fosse ensinado nas aulas especiais. Vir para o Japão, aprender japonês e adaptar-se à cultura japonesa não é, obviamente, o mesmo que esquecer o idioma e a cultura de seu país de origem. Infelizmente porém, as crianças esquecem muito rapidamente. Também me deparei com a realidade de que não conseguia mais falar espanhol e era difícil me comunicar com meus pais. Portanto, embora eu saiba que fosse impossível, sinto que se tivesse havido alguma orientação, mesmo que simples, para me ensinar espanhol e a importância do meu país de origem, o relacionamento entre pais e filhos e sentimentos em relação ao país de origem teriam mudado.

Akihama Fui educado em japonês durante toda a minha vida, portanto, não tive nenhuma experiência com aulas especiais. No entanto, o que mais me incomodou como estrangeira foi a cultura japonesa. Tive minha primeira oportunidade de ir a um funeral quando estava na escola primária. Meus pais não conheciam os trajes e a etiqueta dos funerais japoneses, porque nos funerais brasileiros as pessoas usam óculos escuros e não há uma cor definida para as roupas. Não tive problemas linguísticos, mas acho que gostaria de ter conhecido os aspectos culturais, especialmente em relação a casamentos e funerais quando eu era mais jovem.

## **Q2. Sobre o ensino de japonês enquanto as crianças frequentam classe para alunos com necessidades especiais**

Uchida Eu estava em uma classe regular, então foi isso que ouvi de outros pais brasileiros que, sendo informados de que os filhos estavam em uma classe de alunos com necessidades especiais, eles questionam por que foram enviados para lá se eles não têm nenhuma deficiência. Além disso, de um ponto de vista pessoal, as escolas japonesas às vezes são divididas em grupos dentro de uma classe, e há uma atmosfera de dificuldade em se juntar a um grupo quando se está nele. É também por isso que eu acho que se você quiser mandar uma criança para uma classe para alunos com necessidades especiais, você precisa explicar o motivo para ela.

Nakamura As escolas de ensino médio podem oferecer ajuda individual nas aulas regulares, em parte porque têm professores assistentes. Entretanto, como não há professores suficientes nas escolas de ensino fundamental, é realmente difícil para um professor ensinar individualmente uma criança que não entende japonês enquanto cuida de outras 35 crianças. Portanto, acredito que algumas escolas adotaram a forma de classes para alunos com necessidades especiais, com professores relativamente livres para auxiliar. Acho que eles fazem isso no sentido de que é um tipo de trabalho, não porque alunos tenham alguma deficiência, mas porque na classe podem ensinar japonês com mais cuidado.

Nagashima O número de crianças que precisam de instrução especial e o número de professores diferem de escola para escola, portanto, acho que as escolas devem planejar como possibilitar o ensino da língua japonesa de forma adequada, levando esses fatores em consideração. Além do ensino da língua japonesa, também é necessária a orientação das matérias, e outros aspectos, inclusive culturais, que são exigidos periodicamente, de modo que não há um manual para tudo e sinto que é importante sempre pensar na maneira como as coisas devem ser feitas em cada escola.

## **Cultura e regulamentos da escola**

### **Q3. Sobre o conflito do que é reconhecido como cultural em outros países e não é reconhecido no Japão**

Akihama Quando eu estava na sexta série do ensino fundamental, usei uma roupa sem mangas e shorts em uma excursão escolar, e minha professora disse: "O que você está pensando, usando esse tipo de roupa? Pense em que lugar você está."

Na época, fiquei muito confusa porque não tinha ideia por que era errado expor partes do corpo. Além disso, quando eu estava no ensino fundamental, uma das minhas amigas, de nacionalidade australiana, tinha brincos nas orelhas que foi puxada por uma amiga machucando-a gravemente.

Haino Talvez a professora tenha pensado que, por entender japonês, ela deveria ser capaz de entender a cultura do Japão.

Kohatsu Sou católico, portanto, quando usava um crucifixo, era algo diferente e meus amigos me diziam que iriam contar para o professor ou diziam que não era permitido usar na escola, o que era uma barreira para eu

continuar seguindo a minha religião. Também sofri outras restrições quanto a roupas, chapéus e até mesmo a cor das roupas usadas sob o uniforme, e tinha dificuldade para entender por que tinha que ser tão rígido.

Nagashima Acho que devemos dar orientação para que as pessoas sigam as regras, porque elas são a base da vida em grupo, mas acho que precisamos mudar as regras pouco a pouco para nos adequarmos ao mundo. Devemos também pensar onde as regras estão certas. Por exemplo, se você está em um nível em que você tem que ensinar maneiras sociais desde as raízes, se você não ensinar estritamente, a escola pode se tornar uma bagunça. Dessa forma, não há manual para tudo e acho que é necessário analisar e observar objetivamente para o grupo de alunos, os professores e o mundo, e decidir o que fazer caso a caso. Além disso, nos dias de hoje, em que o senso comum no Japão está mudando e muitas pessoas com raízes estrangeiras entrando no país, acho que precisamos levantar nossas antenas e a responder com um sentido aguçado de sensibilidade.

Nakamura Acho que o vestuário e as regras estão em processo de atualização no mundo. Acho que o principal é garantir que os alunos entendam o que é importante e por que as regras existem. Na minha escola, 20% dos alunos têm raízes estrangeiras. Em uma reunião no início do ano letivo, houve uma discussão sobre brincos e outros adornos religiosos a serem usados. Como se trata de uma escola primária, tentamos não ser rígidos, mas dialogar com as crianças e seus pais para garantir a segurança delas. Há muitas culturas e formas de pensar diferentes, mas acho que é importante dialogar e aprofundar a compreensão.

## **Comunicação com os pais**

### **Q4. Sobre ter filhos como intérpretes para pais que não entendem japonês.**



Akihama Minha mãe fala japonês, mas não escreve. No entanto, quando precisei da assinatura dos meus pais em um documento da escola, perguntei: "Posso usar as letras do alfabeto?" Quando perguntei à professora, ela achou que por saber falar japonês, também conseguia escrever. Ela disse: "Pode escrever em Hiragana". Portanto, minha mãe conseguiu escrever apenas seu próprio nome depois de praticar muitas vezes. Mesmo assim, às vezes me diziam que a própria mãe deveria escrever no caderno de recados e outros documentos, por isso eu ficava mais cuidadosa quando se tratava de documentos.

Uchida Meu pai não sabe falar japonês e minha mãe fala, mas não sabe ler nem escrever, por isso ainda sou intérprete para meus pais. Quando eu estava no ensino fundamental e médio, eu mesmo não conseguia ler todos os kanjis escritos nos documentos e só sabia falar o português do dia a dia. Portanto, eu não sabia como expressar em português o que estava escrito nos documentos e, às vezes, não traduzia tudo porque era criança e achava que era muito incômodo.

Kohatsu Meus pais também não sabiam ler, escrever ou falar japonês. A escola me enviava muitos documentos e eu tinha que me explicar. Os professores me perguntavam: "Você está bem?" mas não havia nada que eu pudesse fazer para dizer que não estava bem. No início, eu fazia o possível para explicar, mas aos poucos isso se tornou entediante e eu tinha que carimbar os carimbos dos meus pais e assinar os formulários.

Quanto ao ensino superior, quando expliquei aos meus pais que queria estudar aqui, eles não sabiam de nada, então eles disseram: "Se você disser o que quer fazer, nós pagaremos". Como se costuma dizer em pesquisas, quando experiências como essa se acumulam, ocorre uma "inversão de papéis entre pais e filhos" dentro da

família. Em resumo, se há uma criança que sabe falar japonês e um pai que não sabe, a criança tem mais informações. Os pais então se tornam dependentes da criança e não podem se mover sem que ela tome decisões sobre o que fazer, e a criança tem mais poder. O que causa isso é o fato crianças interpretarem para os pais na escola ou em locais públicos. As crianças não traduzem necessariamente tudo. Não há como as crianças traduzirem a linguagem dos adultos. Mesmo que o adulto reconheça que a criança é bilíngue, quando se trata de interpretação, é necessário ter uma terceira pessoa neutra.

Nakamura Mais uma vez, sinto a necessidade de um intérprete terceirizado. Entretanto, as escolas não podem fazer isso por conta própria. Mesmo que as autoridades locais ofereçam serviços de interpretação, seria difícil lidar com casos de emergência. Ainda acho que seria bom se esse serviço pudesse ser encabeçado pelo governo nacional.

Nagashima Ainda sinto a necessidade de intérpretes. Especialmente quando se trata de planos de carreiras, da vida e perigos que ameaçam a vida, é importante ter intérpretes no local. No entanto, há limitações do que pode ser feito, por isso acho que seria bom ter um sistema em funcionamento. Também é preciso fazer esforços para reduzir o número de casos. E além disso, gostaria de valorizar as pessoas. Conforme declarado na Lei de Mehrabian (uma lei psicológica que afirma que, quando as pessoas se comunicam umas com as outras, as informações verbais influenciam a outra pessoa em uma proporção de 7%, as informações auditivas 38% e as informações visuais 55%), não devemos confiar em palavras ou máquinas de tradução, mas olhar para a criança com nossos olhos, nos comunicarmos com ela e mesmo que não seja possível falar a língua dela, é importante tentar entender através de outras maneiras de expressão e incluir intérpretes quando for um assunto importante.

## **Respeito ao idioma e à cultura dos alunos**

### **Q5. Sobre a identidade da criança**



Akihama Eu mesmo vivi entre japoneses desde a escola maternal, portanto, minha identidade é japonesa desde criança. No entanto, como eu não tinha aparência japonesa, às vezes era tratada de forma excludente. Por isso, lembro-me de que, quando estava na escola primária, queria ser igual a todo mundo, então me esforcei ao máximo para ter os mesmos olhos como todo mundo. Quando eu era pequena, realmente não gostava da idéia de que a minha identidade estava nas minhas raízes do meu país de origem.

Uchida Eu tinha muitos amigos japoneses e falava japonês o tempo todo fora de casa, o que levou à idéia de que eu era japonês. Por outro lado, eu não estava realmente interessado no Brasil. Minha identidade japonesa foi criada pelo convívio com japoneses. No entanto, isso se inverteu após o ensino médio e a universidade.

### **Q6: A importância da língua materna e da cultura materna nas escolas**

Kohatsu As crianças se percebem de forma diferente em diferentes estágios de desenvolvimento. Nas escolas primárias, elas se tornam japonesas e se comportam como japonesas para se adaptarem a todos os outros e evitarem sofrer discriminação o máximo possível. Ao passar para o ensino fundamental, médio e universitário, elas conhecem muitas pessoas diferentes e aprendem muitas coisas diferentes e na maioria das vezes, percebem mais uma vez que afinal, são peruanas.

Nas escolas japonesas, há uma expectativa de que as crianças matriculadas na escola aprendam japonês e se adaptem ao modo de vida japonês e embora o idioma e a cultura das crianças sejam negligenciados, quando

necessário, elas recebem um intérprete ou são apresentadas à cultura. No entanto, é muito difícil fazer isso na ausência de tal base e muitas crianças têm experiências que levam à falta de comunicação com seus pais. Portanto, se você for expor as crianças às suas raízes na escola, deve levar em conta o estágio de desenvolvimento delas.

Nagashima Acho que isso também leva à "otimização individual", que continua sendo a análise de cada pessoa individualmente. Se conversar com a criança em questão e falar sobre suas raízes, isso pode elevar sua autoestima. Acho que é uma maneira de apresentá-la a todos, mas isso depende do estágio de desenvolvimento da criança. O que nós, professores, podemos fazer é manter um diálogo adequado com a criança, observar seus sentimentos, apoiá-la e, quando chegar a hora, dedicar tempo para plantar as sementes para que ela floresça.

Nakamura Achei importante que os professores dessem uma boa olhada em cada criança com a qual estão lidando, incluindo como é a educação delas e quando vieram para o Japão.

### **Q7: Como você começou a estudar sua língua materna ou língua de herança no ensino superior?**

Uchida Estudei inglês porque queria ir para a Universidade Sophia, mas fui reprovado no exame. O departamento de inglês era difícil. Mas quando verifiquei outros departamentos, havia um departamento de português, então entrei. Depois que entrei, percebi que o Brasil é um país maravilhoso e minha identidade ficou mais forte.

Akihama Eu não falava português até ser uma estudante universitária. Sentia-me envergonhada de me apresentar às pessoas que encontrava pela primeira vez dizendo, "sou brasileira" e não conseguia responder quando falavam comigo em português. Eu também não queria apagar minha conexão com meus parentes no Brasil. O principal motivo era que eu achava que, se não conseguisse falar português, não conseguiria entrar em contato com ninguém depois que meus pais se fossem.

Kohatsu Quando me formei no ensino médio e fui estudar, meu professor me disse que, como você é peruano, deveria usar seu espanhol para fazer algo que una a Espanha e o Japão, o que me levou a uma escola profissionalizante.



### **Ingresso em uma escola de nível superior**

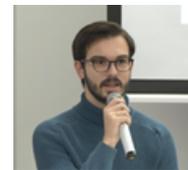
### **Q8: Mesmo que se conclua que os alunos não conseguirão acompanhar as aulas de japonês após ingressarem no ensino médio, a escola deve dar prioridade ao ensino médio e prover orientação profissional?**

Kohatsu Eu concordo. Por enquanto, é importante se matricular no ensino médio. Sei que a admissão não é o objetivo, mas acho que se formar no ensino médio é o mínimo para ter sucesso na sociedade japonesa. Meus amigos que abandonaram o ensino médio tiveram muita dificuldade para entrar na sociedade japonesa. Levou muito tempo, 10 ou 20 anos, para serem aceitos pela sociedade e terem uma vida estável. Minha amiga ensina seus filhos a se certificarem para que eles terminem o ensino médio.

Akihama Com relação à quantidade de informações sobre o ensino superior, acho que isso se resume ao que o professor Kohatsu disse sobre a inversão de papéis entre pais e filhos. Expliquei aos meus pais que queria vir para cá, e eles disseram: "Se você quer isso, tudo bem", mas não havia outras opções na cabeça deles. Se houver uma comunidade brasileira, há vínculos horizontais entre os pais, mas nós não tínhamos esses vínculos, portanto não havia informações dos pais. Acho que os professores têm muitas opções e acho que eles deveriam dar aos alunos muitas informações sobre as opções.

## Preconceito e discriminação

### Q9: Episódio em que lhe disseram "Você é estrangeiro".



Uchida No início do ensino médio, fiquei chocado quando me disseram: "Você é estrangeiro, portanto, tem que se esforçar mais do que os outros". Questionei se eu deveria me esforçar mais por ser estrangeiro. Olhando para trás agora, acho que o professor queria me incentivar, mas na época interpretei de forma negativa.

Gostaria que os professores pensem em como seus alunos receberão o que eles disserem.

Além disso, recentemente houve um caso triste de uma amiga brasileira que sofreu discriminação por causa da cor de sua pele escura e ela até tentou suicídio. Acho que isso nunca deveria acontecer e isso me fez pensar em como posso evitar que isso aconteça.

Nagashima Com relação à discriminação e ao preconceito, acho que a atitude dos professores é importante. Acredito que se os professores demonstrarem uma atitude de igualdade ou colocarem em sua mente que a discriminação não será tolerada e demonstrarem essa atitude, ela será transmitida às crianças. Nesse processo, acredito sinceramente que a discriminação cessará e o mal trato será interrompido.

Nakamura Acho triste que ocorram casos como esse. Acho que todo o Japão está agora no processo de atualização da diversidade nas escolas. Acho importante ter uma linha básica em que a discriminação não seja tolerada e educar as pessoas com base na idéia de que não há problema em todos serem diferentes.

### Comitê Executivo do Simpósio sobre Educação de Crianças com Raízes Sul-Americanas

#### Presidente do Comitê Executivo

NIKURA Ryoko (Professora Emérita, Universidade de Chiba)

#### Vice-presidente e secretária geral do Comitê Executivo

OKAYAMA Sakiko (Professora Assistente, Centro de Estudos Interculturais/Iniciativa Internacional de Educação do Futuro, Universidade de Chiba)

#### Membros do Comitê Executivo (em ordem alfabética)

COSTA Marcy (Consulado-Geral do Brasil em Tóquio, Seção de Apoio à Comunidade)

HAINO Sumiko (Professora associada de português brasileiro, Departamento de Línguas Ibero-Americanas, Faculdade de Línguas Estrangeiras, Universidade de Estudos Internacionais de Kanda)

KAJIWARA Koji (Consultor, Centro de Intercâmbio Multicultural, Divisão de Promoção da Cidade, Prefeitura de Yachiyo)

KAJIWARA Lilly (Conselho de Educação da Cidade de Yachiyo, Consultora Educacional para Estudantes Estrangeiros / Professora de Inglês)

KAMAGATA Takushi (Supervisor, Seção de Orientação Educacional Obrigatória, Departamento de Promoção Educacional, Conselho de Educação da Província de Chiba)

KOHATSU Jose (Professor em tempo parcial, Universidade Dokkyo / Presidente da NPO Japan-Peru Kyosei Association)

NAGASHIMA Tazuko (diretor da Escola Secundária Kiyokawa, cidade de Kisarazu)

NAKAMURA Toshie (Diretora da Escola de Ensino Fundamental Goshō, cidade de Ichihara)

SOHEYAMA Hiroshi (Diretor Adjunto da Divisão de Estudantes Internacionais da Universidade de Chiba)



Simpósio sobre a Educação de Crianças com Raízes Sul-Americanas  
Para a realização de escolas onde crianças estrangeiras e japonesas possam aprender juntas -  
Estudo de casos de crianças com raízes sul-americanas —  
Relatório de implementação

Março 2024, 1ª Publicação

Editora Centro de Estudos Interculturais, Universidade de Chiba

Edição e design Sakiko Okayama

Cooperação em distribuição e fotografia Shobunsha Corporation, Omegane Corporation